

## DICOTOMIAS

# Século XXI: nova ideologia, precisa-se

Ao passo de uma vaga de privatização na Europa, o mercado emergente da América Latina retorna à nacionalização dos sectores estratégicos. Capitalismo 'versus' socialismo não será a separação mais acertada. *Por Maria Garrido*

“Há uma experiência histórica, com o socialismo e o capitalismo e ideologias que marcaram os séculos XVIII, XIX e XX. O século XXI precisa de novas ideologias”, começa por considerar o professor de Economia do Desenvolvimento da Universidade Católica do Porto (UCP), Leonardo Costa. Acreditando que dicotomias como o socialismo e o capitalismo possam ser “um bocado redutoras”, o investigador do Centro de Estudos Sociais de Coimbra (CES), José Caldas, defende que “é bom que existam conceções diversas que coexistam e dialoguem na sociedade”. “Entre o preto e o branco há muitas nuances”, clarifica.

Na América Latina, no entanto, uma vaga de nacionalizações geralmente associada ao socialismo faz-se sentir em países como a Argentina, Bolívia, Venezuela e outros. Do outro lado do oceano, surge uma Europa onde as sucessivas privatizações associadas ao capitalismo são facilmente acusadas. Mas, uma vez mais, a dicotomia é contestada. “A questão não se coloca em termos de políticas capitalistas ou socialistas mas sim de políticas que promovam uma economia que eu chamaria plural”, resguarda o economista e também investigador do CES, João Rodrigues. O investigador sustenta a criação de uma economia “mista”, onde caibam espaços de mercado e de concorrência em que “certos bens e certos recursos e infraestruturas são controlados publicamente por Estados capazes de fornecer bens e serviços em condições”.

Por sua vez, o professor de Economia Financeira Internacional da UCP, Ricardo Cruz, faz a associação: “[o movimento de nacionalizações na América Latina] é um movimento que está muito localizado em países concretos com regimes políticos claramente de planificação socialista”, assevera. Sustentando que este é um fenómeno que se encontra “longe de ser uma generalização”, Ricardo Cruz afirma haver na América Latina experiências, sentidos e vontades “muito diferentes”.

## Privatizações de 80 e 90

Depois de ter passado por um processo de privatização nas décadas de 80 e 90, João Rodrigues entende ser esta vaga de nacionalizações na América Latina um “reverter do que

esses governos consideram ser erros associados a processos de privatização que correram bastante mal”. “Trata-se no fundo de renacionalizações”, reforça José Caldas. O investigador do CES vê este movimento como um “assumir o controlo público de recursos que são fundamentais para o desenvolvimento dos diferentes países”.

O manifesto agrado da população da América Latina é também exposto. João Rodrigues vê este facto como um “reconhecimento por parte da população de que são políticas justas e que contribuem para melhorar as suas condições de vida e a capacidade que os Estados têm de ter algum controlo sobre recursos vitais para o desenvolvimento dos países”.

Entre os sectores estratégicos em processo de renacionalização contam-se, a título de exemplo, a expropriação da petrolífera espanhola Repsol YPF na Argentina de Cristina Fernández ou uma de empresa também espanhola de eletricidade da rede do operador Red Eléctrica na Bolívia.

## Um presente de crescimento

“Um certo populismo político nas opções que justificam essas nacionalizações”, é a visão de Ricardo Cruz. O docente da UCP afiança que em muitos países “certas decisões populistas têm normalmente grande adesão popular a curto prazo”. A contrapor, José Caldas atesta que “populismo é normalmente a palavra que a direita neoliberal utiliza para designar políticas que não gosta” e acredita haver uma “tendência geral que é positiva de transformação num sentido de redução da pobreza e da desigualdade”. “A política ou é boa ou é má. E é boa ou é má em função de argumentos. Dizer que é uma política populista não é dizer absolutamente nada”, concorda João Rodrigues.

“Penso que tem-se muito a aprender com a América Latina hoje em dia. Acho que a Europa está em regressão e a América Latina está em crescimento, em parte devido à diferente orientação das políticas num e noutro lado”, remata João Rodrigues. Entendendo ser difícil antecipar qual o futuro económico da América Latina, José Caldas não descarta o presente: “vejo um presente de crescimento, redução das

desigualdades, de prosperidade onde nunca existiu, que contrasta com o panorama da Velha Europa. Vejo uma América Latina pujante em contraste com uma Europa em contracielo”. Já Ricardo Cruz acredita que o futuro será “auspicioso enquanto esses países assumirem capitais em volumes significativos” que “acrescentam oportunidade de melhorarem as estruturas primitivas e se tornarem mais competitivos”.

## O enfraquecimento do Estado

Na Europa, são contínuas as políticas de privatização. Leonardo Costa alia-as à crise que considera neste momento ser dos Estados e das dívidas soberanas. Isto preocupa João Rodrigues, que vê incidir nos países da periferia os processos de privatização mais radicais. Processos estes que compreende estarem a ser levados a cabo por “condições de necessidade, impostas por governos que obedecem a instruções vindas de fora e que não têm em conta os interesses dos países em causa mas sim de quem os financia”. Ricardo Cruz não vê hoje nenhuma novidade relativamente ao que tem sido a tendência das últimas décadas: “na Europa o que existe é uma União Europeia que se rege por princípios da economia do mercado”, assinala.

“O processo de privatização pode levar a um aumento dos preços, a um aumento da exclusão de uma parte importante da população no acesso de bens e a uma deterioração da sua qualidade”, remata João Rodrigues. Falando da privatização extrema, o investigador do CES assume-se preocupado com o “enfraquecimento de um Estado capaz de fornecer bens e serviços essenciais às suas populações, da educação à saúde, da segurança social a infraestruturas base e serviços básicos sem os quais não existem direitos de cidadania nem democracia”.

Em Portugal, lembre-se por exemplo, a privatização da EDP, tendo sido a empresa de eletricidade ganha para investidores chineses. Pelo resto da Europa também se verificam políticas de privatização ditadas pelo atual contexto de austeridade. Fale-se do caso da Grécia que tenciona a venda ou o arrendamento de bens nacionais como aeroportos, empresas petrolíferas e de gás estatais ou mesmo bancos.



“Há uma experiência histórica, com o socialismo e o capitalismo e ideologias que marcaram os séculos XVIII, XIX e XX. O século XXI precisa de novas ideologias”, defende Leonardo Costa.

